

## ESTATUTO DA LÓGICA

No começo da segunda década do século XX, Wittgenstein trabalhou com Russell numa tentativa de desenvolvimento dos *Principia Mathematica* sobre fundamentos lógicos mais rigorosos. O *Principia* é um marco do programa logicista que pretendia reduzir a matemática à lógica. No desenvolvimento das idéias de Wittgenstein, apresentado nos seus *Notebooks*, podemos notar seu claro descontentamento com a exposição lógica de Russell nos *Principia* e com a visão de Frege a respeito do estatuto da lógica simbólica nascente. O *Tractatus* corresponderia então a uma reação radical às concepções fregeanas e russellianas da lógica, cristalizando a crítica que vinha desenvolvendo aos seus predecessores.

Wittgenstein no *Tractatus* tenta pensar o estatuto da lógica a partir do seu papel diferenciado entre as ciências, sobretudo as naturais, e assim contrastar as proposições da lógica com as proposições que são marcadamente factuais ou empíricas. Pensava Wittgenstein que as proposições lógicas eram bem formadas, diferentemente das proposições da filosofia. No entanto, o autor do *Tractatus* não as concebia se referindo a um grupo especial de objetos, como pensava Frege, ou representando generalidades apenas, como pensava Russell. Proposições empíricas podem ser verdadeiras, as proposições lógicas não podem deixar de ser verdadeiras. Aquelas adquirem verdade quando comparadas ao mundo, estas são verdadeiras independentes de qualquer coisa no mundo, ou mesmo independente de “qualquer mundo possível”, expressão consagrada por Leibniz.

A filosofia da lógica de Wittgenstein tem uma natureza metafísica advinda de sua teoria do simbolismo. Sua concepção de lógica é parte integral de uma teoria geral sobre a sintaxe lógica de sistemas lingüísticos. A melhor maneira de se entender a lógica tractatiana é contrastá-la à concepção lógica de Frege e Russell e da escola do convencionalismo vienense.

Frege e Russell constroem sua filosofia da lógica sobre a assunção de ser uma ciência descritiva axiomatizada sobre a intuição de um reino de objetos lógicos abstratos independentes da mente humana. Não há distinção de natureza entre as proposições da lógica e proposições de outras ciências empíricas, estas diferem somente pelo grau de generalidade e aplicação. A essência da explicação

científica está em fazer um grande contingente de objetos dados serem tomados como uma totalidade inteligível ao mostrar como são gerados e inter-relacionados por algumas leis básicas. A lógica tem, segundo esta visão, a aparência de uma ciência que investiga funções especiais como a negação, a implicação material e a generalização. Enquanto ciências empíricas têm seu campo restrito quanto à aplicação de suas descrições, generalidade de teorias e a natureza dos objetos e fatos estudados, a lógica tem generalidades e aplicações irrestritas, o que dá a medida de sua neutralidade temática. Segundo Frege e Russell, as leis da lógica, uma vez fixadas, se aplicam sobre qualquer campo.

“Frege e Russell só lograram obter uma unificação do tratamento e exposição das proposições da lógica mediante a apresentação axiomática de seus sistemas, ou seja, pela delimitação de um conjunto reduzido de verdades lógicas iniciais e de regra de inferência que permitem a derivação de todas as demais verdades lógicas. Dessa maneira, a determinação de que uma proposição enuncia uma verdade lógica procede pela exibição de sua prova, ou seja, deduzindo-a dos axiomas do sistema segundo regras lógicas de inferência. Embora se trate de um método puramente formal para o estabelecimento da verdade uma proposição, que não envolve qualquer consideração acerca da realidade empírica, isso ainda está longe do requisito wittgensteiniano de que a verdade de uma proposição da lógica deve expressar-se de maneira imediatamente visível na simples estrutura da proposição<sup>1</sup>.”

Por contraste, o ponto negativo da interpretação dos convencionalistas vienenses da lógica tractatiana é fechar os olhos às raízes metafísicas do projeto tractatiano, evidenciado pela premência teórica da existência de um espaço lógico compartilhado pelo mundo e pela linguagem em sua teoria do simbolismo. Assim, o *Tractatus* pode ser tomado erradamente como tendo feito uma contribuição decisiva, mas limitada à lógica. Como observa Baker,

“Wittgenstein’s purpose, on the conventionalist interpretation, was to free the philosophy of logic from Frege’s (and Russell’s) Platonism, or to replace a theory grounding the propositions of logic as a consequence of arbitrary stipulations of meaning. In doing this the positivists turned their backs on the metaphysical components of the *Tractatus*’ theory of symbolism (on its alleged mysticism)<sup>2</sup>”.

Ou seja, tomar a interpretação convencionalista como base para a compreensão do *Tractatus* é tomá-lo despido de sua raiz metafísica. Assim, torna sua concepção de lógica vulnerável a um veto formal pelo teorema de Church, ou

<sup>1</sup> *Id. Ib.* p. 29.

<sup>2</sup> BAKER. *Wittgenstein, Frege e o Círculo de Viena.* p.71-2

seja, deixa-a exposta a refutação pela prova da indecibilidade da lógica poliádica. A concepção wittgensteinina de que proposições lógicas deveriam ser reconhecidas pelo símbolo somente encontraria respaldo na lógica proposicional por ser toda decidível<sup>3</sup>. Temos pelo menos um algoritmo, a saber, as tabelas de verdade, para dar conta das possibilidades de verdade no cálculo proposicional, mas que é inócuo para o cálculo de predicados poliádicos<sup>4</sup>.

A filosofia da lógica tractatiana se ergue sobre teses de sua teoria geral do simbolismo: Proposições são fatos que podem ser analisadas completa e univocamente em termos de proposições atômicas bipolares e mutuamente independentes. As constantes lógicas não denotam, portanto, não interferem na multiplicidade lógica da proposição<sup>5</sup>, seus conectivos são pensados em termos de operadores lógicos cujo uso pode ser reiterado sobre uma mesma base de proposições e não como nomes funcionais, como via Frege. Os quantificadores lógicos são pensados em termos de operações sobre uma base de proposições atômicas e não como predicados de segunda ordem. O quantificador universal é tomado como um produto lógico e o existencial como uma soma lógica de proposições atômicas de mesma forma lógica.

Assim, a filosofia tractatiana da lógica demanda que uma notação perspícua faça da exigência de uma teoria dos tipos lógicos, a qual proíbe determinadas concatenações de símbolos, supérflua e incoerente. Incoerente porque viola as leis que prega e supérflua porque nenhum símbolo significativo, segundo Wittgenstein, pode ser usado illogicamente. Uma linguagem ilógica é impossível, porque toda proposição é bem formada. Toda a linguagem está em ordem. Logo, sua teoria do simbolismo abole a necessidade de uma teoria dos tipos que previna o mau uso da notação lógica. Como afirma Wittgenstein em 5.5563,

“de fato, todas as proposições de nossa linguagem corrente estão logicamente, assim como estão, em perfeita ordem. O que há de mais simples, que nos cumpre

---

<sup>3</sup> 6.113.

<sup>4</sup> “While logicians credit Wittgenstein a major technical innovation in using truth-tables to exhibit some logical proposition as tautologies, they typically claim that the demonstrable impossibility of a decision procedure for logical truth in the predicate calculus vitiates Wittgenstein’s basic claim that whether a proposition is a proposition of logic can be calculated from the symbol alone.” *Id.* *Ib.* p. 3.

<sup>5</sup> 4.0312.

aqui especificar, não é uma símile da verdade, mas a própria verdade plena. (Nossos problemas não são abstratos, mas talvez os mais concretos)”.

Para atender estas exigências filosóficas com base em sua teoria do simbolismo, Wittgenstein toma as proposições da lógica como casos extremos da significatividade proposicional. As proposições da lógica devem se diferenciar das proposições das ciências de maneira essencial respeitando suas características de aprioricidade e de neutralidade tópica<sup>6</sup>. A lógica é constituída por tautologias<sup>7</sup>. São casos degenerados de figuratividade porque mostram certas concatenações de proposições significativas que se cancelam mutuamente, fazendo com que o sentido de suas proposições-base se anulem. Tautologias são proposições moleculares bem formadas, mas que nada figuram, porque são incondicionalmente verdadeiras. Nenhum fato do mundo pode refutar ou confirmar uma tautologia, isso dá a medida de sua neutralidade tópica. Como afirma Quintsrl em sua dissertação:

“O que é importante compreender aqui, portanto, é que as proposições da lógica não são figurações da realidade, exatamente, porque ligam certos sinais através de alguma operação que anula o papel representativo que poderia possuir cada um dos sinais isoladamente<sup>8</sup>”.

No limite da significatividade, no caso das tautologias, a operação lógica desarticula as relações significativas das proposições envolvidas fazendo com que seu sentido se dissolva. As tautologias correspondem a casos limites do funcionamento significativo das proposições legítimas, casos em que as relações figurativas com a realidade são dissolvidas por uma determinada articulação das proposições legítimas com os operadores lógicos<sup>9</sup>. Por exemplo, ao se articular  $p$  significativo com  $não-p$  também significativo através de um *ou*, o valor significativo ou as relações representativas de  $p$  com a realidade são canceladas ou dissolvidas.

---

<sup>6</sup> 6.112.

<sup>7</sup> 6.1.

<sup>8</sup> QUINTSLR. *O Conceito de Lógica nas “Notes on Logic” e no “Tractatus Logico-philosophicus” de Wittgenstein.* p. 38.

<sup>9</sup> 4.466.

“Tautologies say nothing; they are not pictures of situations: they are themselves logically completely neutral. (The logical product of a tautology and a proposition says neither more nor less than the latter by itself.)<sup>10</sup>”.

Como não apresentam nenhum conteúdo significativo se diferem essencialmente das proposições empíricas das ciências. As proposições da lógica têm estatuto único dentre todas as proposições e seu caráter analítico é garantido por sua verdade ser reconhecida no símbolo somente, sem a necessidade de a remetermos ao mundo para sabê-las verdadeiras.

Reconhecemos que uma proposição é uma proposição da lógica traduzindo-a para a notação da tabela de verdade, que faz perspicua a natureza bipolar das proposições e corrobora a necessidade de uma análise de proposições moleculares em termos de proposições atômicas. Podemos, portanto, por princípio, calcular se uma proposição é contingente ou empírica, ou necessariamente verdadeira ou falsa e chegarmos a conclusão de que faz parte a classe das tautologias, pela adoção de um método mecânico de decisão.

A notação de tabelas de verdade nos mostra que os operadores lógicos podem sumir em uma notação perspicua. A finalidade última da sua teoria dos conectivos vero-funcionais é demonstrar que eles são, no sentido exato da palavra, dispensáveis e que não há nada no mundo que lhes corresponda. “Minha idéia básica é que as “constantes lógicas” não substituem; que a lógica dos fatos não se deixa substituir<sup>11</sup>”. Anscombe<sup>12</sup> toma como exemplo desta tese a reversibilidade das disjunções e conjunções por conta da completude vero-funcional da lógica clássica, onde a proposição  $p \wedge \sim q$  pode ser reescrita por  $\sim(\sim p \vee q)$ , o que mostra que a proposição ora pode ser tratada como uma conjunção ora como uma disjunção, sem que nada seja alterado na sua relação projetiva com o mundo. Podemos simbolizar o mesmo fato com proposições a partir de uma “rearrumação” destas com operadores lógicos distintos. A ocorrência de um operador lógico não caracteriza o sentido da proposição.  $p$  e  $\sim p$  apontam para o mesmo estado de coisas<sup>13</sup>. “A operação pode desaparecer (por exemplo, a negação

<sup>10</sup> Anotação do dia 3.10.14 dos Notebooks. Cf. 4.462 e 4.465 no *Tractatus*.

<sup>11</sup> 4.0312.

<sup>12</sup> ANSCOMBE. *An introduction to Wittgenstein's Tractatus*. p. 118.

<sup>13</sup> “It is one and the same fact, which if it makes ‘p’ true also makes ‘~p’ false. This means that propositions, pace Frege, are radically unlike names.” HACKER. *Insight and Illusion*. p. 57

em  $\sim\sim p$ ;  $\sim\sim p=p$ )<sup>14</sup>”. Isso se dá porque os operadores lógicos, diferente dos nomes de objetos, não substituem nada, ou seja, denotam nada. A análise das proposições da lógica nos mostra que são compostas por proposições elementares articuladas de uma maneira peculiar.

Analisamos uma proposição em termos das constituintes que esgotam seu sentido atribuindo-as uniformemente valores de verdades. Se todas as combinações de seus constituintes mostrarem que são sempre verdadeiras, a proposição decomposta é tautológica, caso mostrem que são sempre falsas é contraditória e se tiverem dois valores distintos são contingentes.

“Wittgenstein’s innovation was to use truth-tables as symbols for molecular propositions, as an alternative notation for logical operations. In his view, the important point about the *T* and *F* notation is that it can be substituted for Russell’s truth function notation. Truth tables are propositional signs which make perspicuous the essential bipolarity of proposition and which manifest the essential difference between logical operations and functions<sup>15</sup>”.

A idéia central da notação por tabelas de verdade também motivou o seu tratamento de quantificadores analisados em termos de produtos (conjunções) ou somas (disjunções) lógicas de proposições atômicas de mesma forma lógica. A razão deste raciocínio é geral e esquemática. Baseia-se na idéia de que existe uma totalidade bem definida de proposições elementares de todas as formas e que a totalidade destas proposições independentes também é a totalidade das suas condições de verdade.

“The thesis of the *Tractatus* that the propositions of logic are tautologies must be understood against the background of Wittgenstein’s truth-tabular notation and his conception of how to extend it to represent quantifiers. Many of his more detailed observations about logic make sense only within this framework<sup>16</sup>.”

A bipolaridade das proposições significativas assegura que não se pode entender uma proposição sem se entender sua negação e a tese da independência lógica das proposições elementares afirma que qualquer asserção seqüencial de um par de proposições é uma asserção da conjunção destas proposições. Podemos pensar a relação dos nomes das proposições elementares com os objetos denotados como um mapeamento de objetos em estados de coisas possíveis. Logo

---

<sup>14</sup> 5.254.

<sup>15</sup> BAKER. *Opus cit.* p.87.

<sup>16</sup> *Id. Ib.* p. 93.

o valor de uma função material deve pertencer a uma categoria metafísica diferente de cada um dos seus argumentos. “The difference between facts and objects must be mirrored in a logical difference between mappings of objects on to objects and mapping of objects on to facts<sup>17</sup>”. É a distinção lingüística entre proposições e nomes correlata a distinção ontológica entre fatos e coisas que sustenta a crítica wittgensteiniana a Frege e a Russell, justificando, assim, a distinção entre operações e funções materiais que se encontra no esteio da lógica tractatiana. Proposições para a teoria do simbolismo de Wittgenstein têm de ser fatos e não argumentos de funções materiais. Estes devem ser objetos, não fatos ou proposições<sup>18</sup>.

Vemos também o quanto é desencaminhador tratarmos de leis gerais do pensamento quando pensamos na lógica tractatiana.  $p \vee \sim p$  seria tão lei do terceiro excluído como “chove ou não chove”, porque as duas são representadas da mesma forma na notação de tabela de verdade. Assim como  $p$  e  $\sim\sim p$  revelam-se, nesta notação, como uma mesma proposição. Além disso, Frege e Russell tomaram outras generalizações além das tautologias como proposições da lógica, as quais não são decidíveis pela notação das tabelas de verdade, quais sejam, a Teoria dos Conjuntos utilizada na semântica fregueana do cálculo de primeira ordem e os axiomas da reducibilidade e do infinito nos *Principia*.

A possibilidade de axiomatização das proposições da lógica é afastada pelo *Tractatus*, porque todas as proposições da lógica dizem o mesmo, ou seja, nada.

“Se todas as proposições lógicas são tautologias e dizem rigorosamente o mesmo, não há como estabelecer uma hierarquia entre elas. Nenhuma proposição lógica, no sistema do *Tractatus*, é mais fundamental ou mais ‘auto-evidente’ que qualquer outra proposição lógica, e como em todas elas seu valor de verdade está desde o início manifesto, torna-se ociosa a construção de um sistema dedutivo para obter verdades lógicas a partir de um conjunto inicial de axiomas por meio de regras dadas de inferência<sup>19</sup>”.

<sup>17</sup> *Id. Ib.* p. 108

<sup>18</sup> Outra crítica relevante operada por Wittgenstein à filosofia da lógica de Frege e à sua notação proposta em *Begriffsschrift* é que este não tornou clara a relação interna existente entre verdade e falsidade quando as fazem objetos lógicos e valores de funções proposicionais. Para Wittgenstein parece apenas um acidente o fato de o Verdadeiro e o Falso serem coordenados e que possam exaurir o campo possível de referências de pensamentos. No *Tractatus*, Wittgenstein garante a conexão essencial entre verdade e falsidade pela articulação necessária entre entender uma proposição e entender sua negação, ao identificar no coração de sua teoria do simbolismo a bipolaridade essencial das proposições.

<sup>19</sup> Marques, José. *Forma e Representação no Tractatus de Wittgenstein*. p. 35.

Não temos então como fundamentar algumas como bases e outras como derivadas. Entender uma proposição da lógica é entender sua demonstração. Segundo Wittgenstein, a demonstração na lógica é apenas um expediente mecânico para facilitar o reconhecimento da tautologia, quando esta é complicada demais<sup>20</sup>. O número de leis básicas da lógica é arbitrário, assim como sua evidência intuitiva atestada por Frege<sup>21</sup>. De mais a mais, fazer da lógica uma ciência de objetos lógicos é fazê-la dependente da existência deste reino de objetos lógicos.

“The corollary of this revised conception of the role of proofs in logic is a criticism of the philosophical significance attached to the axiomatization of logic by Frege. It was held that axioms are primitive propositions whose unconditional truth must be ascertained by apprehending the primitive logical concepts out of which they are built up. They were self-evident truths certified by our ‘logical faculty’. The truth of all other propositions of logic is guaranteed by their following as theorems from the axioms and possession of a derivation from the axioms is the sole warrant for claiming knowledge of the truths of logic. The *Tractatus* attacked this whole conception. The truth of a proposition of logic can be ascertained by calculating the logical properties of this symbol alone. That isolates the delineation of the propositions of logic from the deliverances of intuition<sup>22</sup>.”

Ao contrário do que Frege assumia, a forma lógica, para Wittgenstein, de complexos é garantida, em última análise, pelos nomes simples que designam os objetos preservando seu horizonte modal de combinações. “Na medida em que a lógica tractatiana é o estudo das formas lógicas, ela é basicamente um estudo das formas dos objetos simples e não das formas das proposições complexas, como concebia Frege<sup>23</sup>.” Portanto, a lógica do *Tractatus* é a lógica dos simples, ela é determinada pela totalidade dos simples. O que é preciso para construção de proposições complexas não são os operadores lógicos, mas a forma lógica dos objetos simples. Wittgenstein considera o funcionamento da linguagem como um processo de redução das formas lógicas das proposições moleculares às elementares; como uma extensão da teoria do simbolismo às proposições complexas e como uma eliminação das constantes lógicas.

Em princípio, toda proposição significativa pode ser construída verofuncionalmente a partir das proposições elementares se lançando mão de único

---

<sup>20</sup> 6.1262.

<sup>21</sup> 6.1271.

<sup>22</sup> BAKER. *Opus cit.* p. 105.

<sup>23</sup> HINTIKKA. *Opus cit.* p.140.

operador lógico, *N*. Todos os operadores lógicos tradicionais podem ser substituídos pela negação simultânea das proposições elementares. Segundo a passagem 6 do *Tractatus*, uma função de verdade arbitrária das proposições elementares pode ser representada como o produto da aplicação sucessiva desta função de verdade que constitui a negação simultânea de classes de proposições. Dado que este operador de negação conjunta não denota nada na realidade, toda a lógica necessária para o *Tractatus* já tem de estar dada ou pode ser construída, por assim dizer, pela simplicidade dos nomes e nas suas formas de concatenação que respeitam as formas de articulação dos objetos por eles nomeados. Como afirma Hintikka,

“uma proposição elementar não consiste de uma quantidade de nomes particulares amarrados por uma ligação lógica ou cópula, consiste de vários nomes de objetos pertencentes a tipos lógicos diferentes, mas equivalentes. Uma vez que seus tipos são mutuamente complementares, eles podem ‘se ligar como os elos de uma corrente’<sup>24</sup>”.

### 3.1

#### A All-embracing Representation of the World Through Language<sup>25</sup>

“Uma idéia justa não pode ser estéril.”  
Leon Tolstói, em *Ana Karenina*

Se a linguagem pode figurar a realidade, então a realidade tem a propriedade de ser pensada, portanto, deve haver alguma simetria entre mundo e linguagem. Dada a essência da linguagem tenho a essência do que pode ser descrito, tenho a essência do mundo. A acessibilidade do mundo ao pensamento é uma propriedade interna do mundo. Assim como a capacidade do pensamento em acessá-lo é uma propriedade interna do pensamento. A questão da harmonia entre o pensamento e realidade é o resultado do aprofundamento filosófico do que parecem ser truísmos. Dos Santos coloca assim a questão da harmonia essencial entre o mundo e a linguagem:

<sup>24</sup> *Id. Ib.* p.130.

<sup>25</sup> “The trivial fact that a completely analyzed proposition contains just as many names as there are things contained in its reference; this fact is an example of the all-embracing representation of the world through language.” WITTGENSTEIN. Anotação do dia 12.10.14 dos *Notebooks*.

“O que garante a harmonia formal entre o pensamento e o mundo? O que garante que o pensamento seja, em princípio, capaz de nos proporcionar um discurso verdadeiro sobre o mundo, um discurso que nos revele o que as coisas são, em si e por si mesmas? O que nos autoriza excluir a hipótese da inadequação entre a estrutura essencial do pensamento e do discurso, que cabe à lógica investigar, e a estrutura essencial da realidade, num grau suficiente para inviabilizar a revelação de qualquer elemento da realidade por meio de um discurso racional?<sup>26</sup>”

A pertinência da questão é evidenciada pela recorrência que é posta pela tradição filosófica. Dos Santos em seu excelente artigo *A harmonia essencial* apresenta ricamente, entre outras coisas, um histórico do problema da identidade formal entre mundo e linguagem ou pensamento, alicerce de muitos sistemas seminais em filosofia. Seu artigo apresenta o problema, sobretudo em Parmênides, Platão, Aristóteles, e enfim em Wittgenstein. Respeitando-se as vicissitudes conceituais dos sistemas destes filósofos, uma suposição lhes parece ser comum e nortear suas investigações: uma reflexão lógica sobre a forma do pensamento pode fundar conclusões ontológicas acerca da forma essencial do ser, ou seja, as condições de inteligibilidade do ser são imediatamente condições ontológicas do ser. Corroborando indiretamente a interpretação defendida nesta dissertação da atribuição da noção de mapeamento ao *Tractatus*. É legítimo afirmar que resultados de um domínio valem em outro, caso este seja mapeado por aquele. “Conheço” a forma do mundo porque “conheço” a forma da estrutura que o mapeia: a linguagem. O mundo é “cognoscível” então, porque o pensamento ou a linguagem pode exauri-lo.

Dos Santos afirma que

“ao instalar-se no elemento do discurso racional, comprometo-me inevitavelmente com a tese da inteligibilidade essencial do ser. Portanto, ao filósofo não está aberta a possibilidade de recusá-la. A recusa da tese é, sem dúvida, uma alternativa prática, mas não uma alternativa filosófica. Posso recusar a tese, mas, ao fazê-lo, abro mão do discurso racional, abro mão do exercício da razão, abro mão da filosofia<sup>27</sup>”.

É interessante pensarmos que esta articulação especial entre mundo e pensamento dita a possibilidade da própria filosofia. Fundamentalmente, a filosofia só se torna possível se pudermos pensar as coisas do mundo. Este não

<sup>26</sup> DOS SANTOS. *Harmonia Essencial*. p. 438.

<sup>27</sup> *Ib. Id.* p. 446.

pode ser estritamente opaco ao pensamento, “um mundo inacessível ao pensamento seria impossível”, tanto quanto o pensamento sem o mundo. Se exige, então, que estas duas instâncias devam estar necessariamente imbricadas.

Com efeito, o *Tractatus* é uma obra representativa desta tradição por supor a identidade formal, uma simetria essencial entre a realidade ou ser e a linguagem ou pensamento. Esta harmonia essencial se erige como pressuposto principal do sistema tractatiano. Sem ela, não haveria a possibilidade da representação proposicional.

Como já visto, a teoria pictórica, em última análise, só funciona caso supusermos que o nome e o objeto nomeado tenham necessariamente a mesma forma lógica, que obedeçam à mesma legalidade sintática. O que, por seu turno, é garantido pela suposição da existência do espaço lógico, limite do pensar e da linguagem e também limite ontológico dos fatos do mundo. Portanto, esteio comum à linguagem e à realidade, ao pensar e ao ser.

Ora, se apenas posso conceber o mundo como uma circunscrição do espaço lógico, não posso conceber, nem sequer como hipótese, que houvesse fatos no mundo que fossem inacessíveis à representação proposicional, que fossem realizações de possibilidades exteriores ao espaço lógico. Segundo Dos Santos, “só podemos conceber um mundo cuja forma essencial seja não apenas permeável, mas estritamente idêntica à forma essencial do pensamento, pois ou nós o concebemos assim ou simplesmente não concebemos nada<sup>28</sup>”.

Portanto, podemos afirmar que a isomorfia na relação afiguradora no contexto proposicional, ou a harmonia essencial entre o mundo e a linguagem, é o pressuposto que garante a “funcionabilidade” da teoria pictórica, e, portanto, é a responsável indireta pelo diagnóstico negativo dada à filosofia no *Tractatus*. Disto derivamos um problema substancial: Wittgenstein acabaria com o edifício metafísico, em última análise, com um expediente que se remeteria tacitamente à metafísica.

Ora, esta interpretação não nos revelaria certo paradoxo estrutural no *Tractatus*? Wittgenstein solapa a metafísica fazendo uso de um forte pressuposto metafísico. De toda forma, ao fim de sua obra, o autor admite mesmo a própria natureza contra-sensual do seu sistema, composto de proposições de “má

---

<sup>28</sup> *Id. Ib.* p.449.

gramática”. O que, por princípio, não poderia ser dito compõe as proposições tractatianas. Grosso modo, Wittgenstein nos diz, no *Tractatus*, a essência última do mundo e da linguagem. Estes devem ter estas essências como condição para que nossas representações sejam significativas.

Este paradoxo daria razão à descrença total de sua obra caso não assumamos uma distinção apresentada por Wittgenstein em 4.022 do *Tractatus*, entre dizer e mostrar, marco da teoria pictórica que, em princípio, justifica suficientemente a adoção de dois conceitos distintos de metafísica. “A proposição *mostra* o seu sentido. A proposição *mostra* como estão as coisas se for verdadeira. E *diz que* estão assim”. Em se aproveitando desta distinção, haveria, pois, uma metafísica que se pretende dita, um corpo doutrinário de teses, uma metafísica ruim, por assim dizer, condenável por Wittgenstein porque composta por proposições necessárias e com sentido, ao passo que há uma outra, uma metafísica de natureza tácita, silente, mostrada, revelada pelo funcionamento da nossa linguagem, pela aplicação da lógica, i.e., pela análise de proposições empíricas. O *Tractatus*, então, apontaria e se sustentaria para esta metafísica mais saudável ao se sustentar tacitamente em seus princípios.

Assim, a adoção desses dois conceitos de metafísica parece resolver o paradoxo estrutural: Wittgenstein solapa a metafísica “ruim” fazendo uso de um pressuposto metafísico revelado pela investigação do funcionamento da nossa linguagem corrente. Portanto, “não se trata de condenar a filosofia tradicional por querer dizer o que quer dizer, mas por querer dizer o que não pode ser dito e, no entanto, deve ser conhecido<sup>29</sup>”. O *Tractatus* é uma tentativa de nos fazer “conhecer” o que proposições sem sentido apenas mostram.

### 3.2

#### A Lógica como metafísica reabilitada

Segundo Wittgenstein, as proposições filosóficas combinam sinais que não chegam a se constituírem como combinação simbólica. Ou seja, no corpo das teses de filosofia, quando completamente analisadas, veremos que um sinal não exerce função, não está por uma coisa, ou que seu sentido supõe a sua verdade,

---

<sup>29</sup> *Id. Essência da Proposição e Essência do Mundo*. p.102

portanto estas são exemplos de pseudo-proposições, contra-sensos, absurdos – *Unsinn*. Ao passo que a lógica concebida no *Tractatus* é composta por tautologias, que por seu turno, são proposições bem construídas a partir de proposições significativas, mas que não têm sentido, porque não delimitam nenhuma região específica no espaço lógico. Na verdade, “delimitam” todo o espaço lógico. Nenhuma atualização de fato pode falsificar uma tautologia. Elas não têm condições de verdade, porque são incondicionalmente verdadeiras.

Segundo Wittgenstein,

“que as proposições da lógica sejam tautologias, isso mostra as propriedades formais – lógicas – **da linguagem, do mundo**. Que suas partes constituintes, assim enlaçadas, resultem numa tautologia, isso caracteriza a lógica de suas partes constituintes. Para que proposições, enlaçadas de determinada maneira, resultem numa tautologia, elas devem ter determinadas propriedades estruturais. Que assim ligadas resultem numa tautologia, portanto, mostra que possuem essas propriedades estruturais<sup>30</sup>.”

Assim, as proposições da lógica mostram as relações internas entre proposições com sentido. E conjugando-se esta tese ao lema apresentado em 5.4711, temos que a lógica exhibe as relações formais entre proposições e, portanto, exhibe as relações formais entre fatos no mundo. A razão disto, segundo Wittgenstein, é que “the language in which they are expressed can say everything that can be said<sup>31</sup>”. Novamente, a peculiaridade da lógica espelhar a estrutura do mundo, está apoiada na suposição da isomorfia, mais especificamente em sua formulação mais radical, na possibilidade de exaustão do mundo pela linguagem. “Como pode a lógica, que abrange tudo e espelha o mundo, valer-se de sinuosidades e manipulações tão especiais? Só porque tudo isso se entrelaça numa rede infinitamente fina, **no grande espelho**<sup>32</sup>.” Esta tal qual concebida no *Tractatus* pode mapear toda a realidade, nomeando todos, sem exceção, os seus objetos constituintes. Logo, uma linguagem que pode dizer tudo espelha certas propriedades do mundo, evidenciadas e organizadas sistematicamente pela lógica.

“As proposições lógicas descrevem a armação do mundo, ou melhor, representam-na. Não tratam de nada. Pressupõem que nomes tenham significado e proposições elementares tenham sentido: e essa é sua ligação com o mundo. É

<sup>30</sup> 6.12. Grifo meu.

<sup>31</sup> WITTGENSTEIN. *Notebooks 14-16.. Notes to GE Moore*. p. 109.

<sup>32</sup> 5.511. Grifo meu. O uso da expressão *der grosse Spiegel*, ao meu ver, é um dos marcos da legitimidade do uso da tese da harmonia essencial entre linguagem e mundo na interpretação tractatiana.

claro que algo sobre o mundo deve ser denunciado por serem tautologias certas ligações de símbolos – que têm essencialmente um caráter determinado. É isso que é decisivo. Dissemos que muito nos símbolos que usamos seria arbitrário, muito não seria. Na lógica, só o que não é arbitrário exprime: isso quer dizer, porém, que na lógica nós não exprimimos, com a ajuda dos sinais, o que queremos, mas o que enuncia na lógica é a própria natureza dos sinais necessários por natureza: se conhecemos a sintaxe lógica de uma notação qualquer, já estão dadas então todas as proposições da lógica<sup>33</sup>.”

Como afirma Hacker, “the new logic seemed, by means of its function-theoretic structure, to have penetrated for the first time to the true underlying logical forms of proposition<sup>34</sup>”. Wittgenstein observou que as investigações da lógica revelam verdades metafísicas e que as formas lógicas das nossas sentenças mostram a estrutura essencial da realidade.

“A capacidade de apreender o sentido das proposições, ou seja, a habilidade básica de compreensão das sentenças da linguagem, é assumida por Wittgenstein como o fundamento necessário e suficiente do qual toda a lógica decorre, e a elucidação do mecanismo pelo qual as proposições ordinárias da linguagem veiculam sua significação toma o lugar das regras sintáticas de formação de proposições e das regras dedutivas de inferência características dos sistemas de Frege e Russell<sup>35</sup>.”

Podemos afirmar que a lógica assim como o isomorfismo suposto são duas instâncias do que chamamos de metafísica tácita do *Tractatus*. Uma metafísica que mostra a essência do mundo e da linguagem, não mais a partir de um corpo de teses, mas pela análise completa de sentenças significativas. A aplicação da lógica mostra que o vínculo entre a linguagem e a ontologia pode ser exibido. A lógica é distinta da aplicação da lógica. A lógica antecipa a forma geral da proposição ou como se dá a sua geração, mas é somente com a sua aplicação que a essência do mundo é revelada: a ordem categorial fixa do mundo.

Fundamentalmente, a metafísica tácita tractatiana mostra ao invés de dizer a essência do mundo<sup>36</sup>. A lógica que permeia e sustenta a análise de nossos enunciados nos revela silentemente à estrutura do mundo. Revelação pretendida por toda a tradição filosófica, mas executada de maneira errada. A lógica é

<sup>33</sup> 6.124. Aliás, nota-se aqui um uso inadequado de “descrever” na caracterização da atividade lógica. A lógica, por ser composta de tautologias que nada dizem, não deveria poder descrever (beschreiben) algo, sendo conseqüente com a 4.022, deveria apenas poder mostrá-lo (zeigen).

<sup>34</sup> HACKER. *Insight and Illusion*. p.10.

<sup>35</sup> MARQUES, José Oscar. *Forma e Representação no Tractatus de Wittgenstein*. p.35

<sup>36</sup> Faço uso aqui novamente, em diferente contexto, da distinção tractatiana entre *sagen* e *zeigen* que aparece na passagem 4.022 do *Tractatus*.

metafísica tácita porque sua aplicação, ou seja, a análise de proposições empíricas, nos leva a essência revelada, ao contrário da metafísica tradicional repleta de contra-sensos e confusões lingüísticas.

Lógica, então, pode ser tomada como a metafísica legítima, na medida em que revela a estrutura do mundo, como é a tarefa tradicional da metafísica, fazendo-o de maneira legítima, porque não é um corpo de teses que se pretendem necessárias e com sentido. A lógica representa, então, a reabilitação do propósito metafísico, assim como da própria metafísica, mas de uma maneira que não infringe as regras sintáticas de nossa linguagem. As tautologias revelam essências respeitando os limites da linguagem. Como bem observa Edgar Marques:

“A compreensão das proposições lógicas como tautologias implica que elas não tratam de objetos de nenhum tipo, consistindo seu laço com o mundo simplesmente em que elas mostram as propriedades que a linguagem \_ e, conseqüentemente a realidade \_ deve possuir para que tautologias se produzam. Como as proposições lógicas consistem em diferentes tautologias, o campo total da lógica cobriria o conjunto das propriedades estruturais da linguagem e da realidade”.

Nesta medida a lógica pode ser tomada como metafísica reabilitada, temos um disciplina em que a essência da linguagem e da realidade, não são ditas como pretendia a inviável filosofia tradicional, mas mostradas indiretamente pelo reconhecimento da conformação peculiar de símbolos proposicionais.

“Após desqualificar o projeto metafísico no plano da razão teórica, o iluminista Kant recupera-o no plano de uma outra razão, a razão prática. Após desqualificar a metafísica no plano da razão, o romântico Wittgenstein recupera-o no plano do sentimento e da revelação. No entanto, razão e sentimento não se apresentam, no *Tractatus*, como pólos de uma alternativa exclusiva. O que se mostra no sentimento místico é a face ética do que se mostra na lógica da linguagem. Schopenhauer definira a experiência estética como a contemplação da forma inteligível da contingência. Wittgenstein adota a definição e estende-a: a experiência ética do valor é a contemplação da forma inteligível comum ao pensamento e ao mundo – a intuição do mundo *sub specie aeterni*; ética e estética são uma coisa só. **Lógica, arte e religião são as figuras da metafísica regenerada.** O Wittgenstein do *Tractatus* inclui-se, assim, na antiga linhagem de Plotino, Spinoza e Schopenhauer: a do misticismo racional<sup>37</sup>.”

<sup>37</sup> DOS SANTOS. *Essência da Proposição e Essência do Mundo*. p. 111. Grifo meu.